

## A CRÔNICA DO SILÊNCIO

Lembro como se fosse hoje. Último dia do ciclo de Medicina de Família e Comunidade, o pôr-do-sol de uma sexta-feira banal repousando nas paredes amarelas. Nela, meu companheiro já inseparável: um relógio branco, surrado, ponteiros pretos moribundos girando aquela corrida louca que só não me alegrava mais por eu saber que sentiria saudades dali. O último paciente.

- Boa tarde, seu José! Que bom te encontrar de novo antes do fim do meu estágio aqui!  
Como posso te ajudar hoje?

Um aceno de cabeça. Silêncio.

Mais silêncio.

Que é que esse homem busca nessa ausência? Eu, ali estudante, presente. O tic-tac na parede do consultório cadenciando minha clara impotência diante dele.

Relembro aulas, técnicas. Ao menos dois minutos de fala livre do paciente é o que deveríamos ser capazes de oferecer. Se fala mais, demanda, lançamos mão de habilidades de comunicação. Se chora, acolhemos; se briga, compreendemos. Se cala, bom... No silêncio de seu José, o tic-tac ecoando no louro da sala vazia, conecto-me ao meu próprio calar.

Recordo a consulta passada, o choro desse homem ora sentado à minha frente ao revelar a morte da esposa, a solidão, a cruz de quem há muito não vê os filhos. A tomografia, a massa expansiva, sudorese noturna e perda de peso. Como envelheceu o seu José desde o último encontro!

Antes daquele primeiro encontro, eu temia. Era início do internato, primeiro diagnóstico difícil, primeira má notícia. Revisito meus próprios medos, meu avô, seu leito de morte, dor. Meus poucos conhecimentos tentando fazer qualquer bem àquele que me criou. Ao menos eu enterrei meu avô. Seu José enterrou um neto.

Encaro seu José. Balanço a cabeça. Sei bem que é verborragia o que seu silêncio esconde. Palavras que, como a vida, já lhe escapam por entre os dedos.

O relógio corre e grita, implacável. Escuto chaves e agitação de fim de turno do lado de fora do consultório. Tento esconder a frustração com a Medicina. Quem aqui chega buscando certezas, precisa se acostumar com o vazio. Não consigo me lembrar da razão de estar aqui. Desejava ajudar alguém, descobrir a cura para o seu José, e em vez disso apenas observo,

constrangida, esse silêncio crescendo como um câncer entre nós, como aquilo que a cada minuto se expande, espalha, alastra... Até se tornar, estranhamente, cômodo. Enxergo seu José, olhos que me dizem mais do que o prontuário seria capaz de gravar. Silencio-me também.

Se passaram cinco ou cinquenta minutos de consulta, jamais saberia dizer. Seguro sua mão.

- Ô, querida.

- Eu sei, seu José. Eu sei.

Silêncio. Mais outros cinco ou cinquenta minutos.

Seu José se levanta, pega o chapéu, agradece.

- Eu precisava muito disso. Você vai ser uma boa doutora. A melhor que eu já tive.

E então vão embora: seu José, o câncer, o silêncio, as memórias, a frustração. Ficam apenas o após, o prontuário vazio e o relógio, pendurado, mudo.

Na ânsia do falar, até o relógio aprendeu com seu José e se calou. Se algum dia voltou a tiquetaquear, não sei. Nunca retornei para checar.